

Humberto Paim

**A INFLUÊNCIA DO JAZZ NA CULTURA BRASILEIRA**

CELACC/ECA-USP

2009

Humberto Paim

**A INFLUÊNCIA DO JAZZ NA CULTURA BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em  
Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos  
produzidos sob a orientação da Professora Soledad Galhardo.

CELACC/ECA-USP

2009

"Se você pergunta o que é jazz, você  
jamais saberá o que é."

**Louis Armstrong**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e aos meus Orixás por fornecerem os meios e a força necessária para a conclusão deste trabalho;

À minha esposa Sandra pelo apoio e incentivo em todas as etapas deste projeto;

À minha orientadora Soledad Galhardo pela competência, conhecimento e entusiasmo em partilhar comigo este tema;

Aos professores Denis Oliveira, Moisés dos Santos, Fabiana Amaral e Kátia.... pelos conselhos e experiências que enriqueceram a minha bagagem cultural;

Aos colegas de turma pelo companheirismo, cumplicidade e amizade.

**SUMÁRIO**

	Página
Resumo.....	06
I. Raízes do Jazz.....	07
II. Cultura de Resistência.....	09
III. Início da cultura do Jazz/Blues nos Estados Unidos.....	11
IV. O papel de New Orleans.....	13
V. Como se apropriou no Brasil.....	14
VI. Interpretação das entrevistas.....	16
VII. Considerações finais.....	17
VIII. Bibliografia.....	18
IX. Anexos e apêndices.....	19
X. Diário de campo.....	23

## PROJETO CIENTÍFICO

### A INFLUÊNCIA DO JAZZ NA CULTURA BRASILEIRA

#### RESUMO

Entender as origens do Jazz, sua disseminação e a influência que exerceu sobre a cultura brasileira é o tema deste trabalho de pós-graduação. Para a compreensão do assunto como um todo, foi necessário a escolha de alguns autores importantes no cenário do Jazz, tais como Gunther Schüller: o velho jazz – suas raízes e seu desenvolvimento cultural; Helton Ribeiro: Blues; Roberto Muggiatti: Blues – da lama à fama e Emerson Giumbelli: Leitura sobre música popular – reflexões sobre sonoridade e cultura.

A primeira etapa do projeto consistiu na pesquisa e coleta de dados sobre o tema em publicações brasileiras e estrangeiras, sites da internet e casas noturnas do gênero. De posse das informações, foi necessário determinar a importância do material, organizá-lo e descartar o supérfluo.

Optou-se também, pelas entrevistas de compreensão aprofundada. Apesar da pauta pré-definida, o objetivo era deixar o entrevistado à vontade para decidir o rumo de seu pensamento ou de seu comportamento sem preestabelecer as respostas e nem conduzi-lo. Por essa razão, o método escolhido foi o diálogo e o contato interativo para tentar esclarecer os conceitos que estavam sendo trabalhados.

#### INTRODUCTION

Understanding the origins of Jazz, its spreads and its influence on the Brazilian culture is the subject of this graduate assignment. To understand the subject as a whole, it was necessary to choose some important authors Jazz scene, such as Gunther Schuller, the old jazz – its roots and cultural development, Helton Ribeiro: Blues, Roberto Muggiatti: Blues – from the mud to the fame and Emerson Giumbelli: Lectures about popular music – reflections about sound and culture.

The first stage of the project consisted of research and data collection about the subject in Brazilian and foreign Publications, websites and Jazz houses. With the information provided, it was necessary to determine the importance of the material, organize it and discard the superfluous.

It was decided to opt for the in-depth interviews. Despite the pre-defined agenda, the goal was to let the respondent be free to decide the direction of his thoughts and his behavior without predefining or driving his answers. For this reason, the method chosen was the Interactive dialogue and contact to try to clarify the concepts that were being studied.

## INTRODUCCIÓN

Entender los Orígenes Del Jazz, su diseminación y la influencia que ejerció en la cultura brasileña es el tema de este trabajo de postgrado. Para comprender el tema como un todo, fue necesario escoger algunos autores importantes de la escena del Jazz, como Gunther Schüller: el viejo del Jazz – sus raíces y su desarrollo cultural; Helton Ribeiro: Blues; Roberto Muggiatti: Blues – del barro a la fama y Emerson Giumbelli: lectura sobre musica popular – reflexiones sobre sonido y cultura.

La primera etapa del proyecto consistió en la investigación y recolección de datos sobre el tema, en publicaciones brasileñas y extranjeras, páginas de internet y bares del género. Con la información proporcionada fue necesario determinar la relevancia del material, organizarlo y desechar lo supérfluo.

También se optó por las entrevistas de profundización del tema. A pesar de tener un programa predefinido, el objetivo era dejar que el entrevistado decidiera el rumbo de sus pensamientos y comportamiento, sin influenciar sus respuestas. Por esta razón, los métodos elegidos fueron el diálogo y el contacto interactivo para intentar aclarar los conceptos que se estaban trabajando.

### I. RAÍZES DO JAZZ

Quando se fala nas origens do Jazz, o panorama com o qual se depara é bastante confuso e incerto. Pesquisando, descobre-se que parte dos elementos que influenciaram o seu nascimento foram trazidos da África pelos povos escravizados, que contribuíram de maneira expressiva a nível cultural, proporcionando a criação de um novo modo de comunicação para demonstrar os seus sentimentos. Através das manifestações religiosas, a música afro-americana mostrava a sua mais importante forma de expressão. Na maioria das vezes, era ouvida por plateias brancas, e quando executada nas igrejas negras rurais, era possível sentir que brotava da alma.

O que hoje se conhece como música *gospel*, é reflexo da importante carga emocional e força rítmica dessas manifestações primordiais. A música negra americana manteve muito do original africano, no que diz respeito às suas características sonoras e também à tradição de coletividade e improviso.

Esta herança acabou por fundir-se com a música local, gerando muito mais do que um novo estilo e uma nova forma de expressão musical. Ganhou um peso ainda maior, principalmente, por saber-se que a atividade musical era proibida entre os escravos.

Várias teorias sobre as raízes do Jazz são discutidas até hoje. Algumas polêmicas como a de Ernest Borneman (1959, p.13-15) que afirma “o Jazz desenvolveu-se principalmente de raízes da música “creole” de Nova Orleans, que por seu turno era “música latino-americana”, gerada numa mistura de influências africanas e espanholas nas Índias Ocidentais e ilhas do Caribe.”

Sabe-se que o Caribe era utilizado pelos navios negreiros como ponto de escala entre a África e o Sul dos Estados Unidos. Embora a teoria de Bonerman o coloque numa situação delicada quando defende a tese de que o único Jazz autêntico é o de influência espanhola ou latino-americana, existem alguns pontos que merecem considerações.

Não se pode negar que muitos escravos tiveram um estreito contato com a música espanhola em sua estada de semanas, meses ou alguns anos no Caribe. É possível, também, que tivessem encontrado semelhanças de ritmo e timbre com a música africana. Porém, essas similaridades, de acordo com estudiosos foram superficiais e uma simples coincidência.

*“...é inegável que os ritmos africanos e islâmico-arábico espanhol são disciplinas inteiramente diferentes, as primeiras polirrítmicas e, as segundas, monorrítmicas em essência. Borneman, por conseguinte, parece que se apressou demais quando concluiu que “a música creole” antecipou-se ao desenvolvimento dos spirituals, blues, e outras formas de música anglo-africana.” (SCHULLER, 1968: p.81)*

Outras teorias surgiram e foram sendo derrubadas. Vale dizer que algumas delas talvez possam constituir um interessante projeto para futuros estudiosos do Jazz, sob certos aspectos.

Todavia, fica patente que um número muito maior de elementos do Jazz que se presumia, origina-se evidentemente das tradições musico-sociais africanas. Deixou-se de lado a idéia simplista de que o seu ritmo veio da África e a melodia e harmonia, da Europa. Estudos e análises demonstraram que toda a matéria-prima desse fenômeno musical – ritmo, melodia, harmonia, timbre – são características distintamente africanas em sua forma e derivações.

Estudiosos afirmam que não poderia ser de outra maneira, uma vez que os costumes de centenas de anos não são apenas produções artísticas, mas estão intimamente ligados ao cotidiano, do qual é impossível se dissociar.

*“Ocorreu de fato aculturação mas apenas na limitada extensão em que o negro permitiu que os elementos europeus se integrassem na sua herança africana. Até a década de 1920, ele absorveu somente os ingredientes europeus necessários à sua própria sobrevivência musical. Poder-se-ia dizer, por conseguinte, que dentro da frouxa estrutura da tradição européia, o negro americano pode preservar o núcleo significativo de sua herança africana. E foi esse núcleo que fez do Jazz a linguagem excepcionalmente cativante que é.” (SCHULLER, 1968: p.84)*

Fixar uma data exata para a chegada do Jazz aos Estados Unidos como música singular e autônoma é uma tarefa quase impossível. Historiadores afirmam que o ano de 1895 foi o marco inicial; outros apontam 1917, ano em que a palavra Jazz começou a ser divulgada e também, ano em que a Original Dixieland Jazz Band, banda composta apenas por músicos brancos fez a gravação que foi considerada a primeira do gênero; outros indicam datas entre esses dois

extremos. É importante ressaltar que naquela época existiam bandas compostas por músicos negros, como por exemplo: Creole Jazz Band e Railroad Blues, que tocavam um Jazz considerado rude por alguns críticos da indústria fonográfica, pois os músicos mantinham estilo próprio ao contrário das bandas formadas por músicos brancos, que tocavam o que a gravadora determinava, como afirma SCHULLER:

*“De fato, como poderia ter sido de outro modo? As circunstâncias ,como a segregação racial e os preconceitos extremos, forçaram a música a ser o que foi. Que tivesse sido tanto como foi, e que possuísse bastante força para sobreviver e transformar-se finalmente em música mundial, constitui prova abundante da beleza e poder.” ( 1968: p.86)*

Com o fim da escravidão, a música afro-americana teve uma significativa ascensão. A disponibilidade de instrumentos musicais, incluindo vários que pertenciam a bandas militares e a recente conquista da liberdade, deu lugar ao nascimento dos fundamentos básicos do Jazz: as bandas de metais e o blues. Em 1910, um grupo de músicos que integravam a Dixieland Jazz Band realizou vários concertos e apresentações em diversos locais, constituindo assim um marco muito importante na afirmação do Jazz.

## II. CULTURA DE RESISTÊNCIA

Não se pode falar da história do Jazz sem ligá-la estreitamente ao comércio dos escravos.

No final do século XVIII, havia uma grande diferença entre as regiões do norte e do sul dos Estados Unidos. As indústrias, o comércio e as propriedades agrícolas de pequena importância estavam situadas ao norte, enquanto que no sul, encontravam-se os donos de grandes extensões de terras, a monocultura e a utilização da mão-de-obra escrava de origem africana. Dessa maneira, a sociedade sulista americana possuía duas camadas sociais: a aristocracia agrária com todo o seu poder e os escravos.

Os negros, que chegavam à América com um vasto conhecimento de música tribal, eram recrutados para o trabalho nas plantações de algodão e fumo, onde recebiam um tratamento desumano e cruel. O total de negros privados da liberdade e arrastados à força do continente africano chega a totalizar doze milhões, dos quais seis milhões e meio de vidas aportaram em vários países da América.

Nos Estados Unidos, bem como em outros países escravagistas, sua sorte não foi melhor. Além da dor do exílio, os negros trouxeram na sua bagagem uma cultura milenar, objetos pessoais, instrumentos musicais e grande conhecimento do uso das ervas medicinais. Foram proibidos de usar os seus tambores e outros instrumentos, pois os colonos receavam que pudessem incitar seus companheiros à revolta e rebeliões. Eram proibidos até, de conversarem em sua linguagem nativa, objetivando, dessa maneira, enfraquecê-los como grupo e anular sua identidade. Um expressivo número de escravos convertidos ao islamismo e que conheciam o Alcorão se comunicavam secretamente, pois possuíam o entendimento da linguagem islâmica.

Enquanto trabalhavam nas plantações ou na construção das estradas de ferro, a música era o bálsamo que os impulsionava a continuarem acreditando no sonho de liberdade. Compunham as suas próprias canções e mesmo sem instrumentos, derramavam seus sentimentos sob a forma de um som ritmado e melódico. Um deles puxava um tema e os demais respondiam, repetiam, criavam ou improvisavam. Certamente, essa foi a maneira que encontraram para expressar a tristeza e sofrimento diante de um regime preconceituoso e desumano.

Com o passar do tempo, esse costume propagou-se. Cantavam também, nas horas de descanso junto à casa grande e agora, despertavam o interesse dos próprios patrões. Em suas músicas, lamentavam a saudade e contavam os acontecimentos do cotidiano. Tudo com base nas suas tradições de origem africana. Já nesse momento, podemos encontrar traços e elementos que mais tarde seriam relacionados ao *Blues*.

*“A entrada dos negros na nação americana resultou numa **imigração**, em que o elemento imigrado é obrigado a aceitar os costumes do país que o recebe. Contrariamente, e em relação à cultura musical, houve por parte dos negros, uma verdadeira **migração**, uma vez que os migrantes impuseram e transformaram os parâmetros da cultura existente nesse país”* AGUIAR, Maria Cristina *As raízes do jazz e a original Dixieland Jazz Band*, disponível no site <http://www.ipv.pt/millennium/millennium29/19.pdf>, acesso em 22/07/2009.

Apesar da simplicidade, estas manifestações musicais tiveram uma grande importância na criação do Jazz.

Não se pode deixar de citar que uma das formas musicais, também dessa época, é a *Gospel Music*, que surgiu quando os pastores evangélicos perceberam que poderiam utilizar os escravos na conversão do povo. O resultado foi tão positivo que, os escravos ao aceitarem o cristianismo, introduziram inovações às melodias religiosas com características da música negra, sob os aspectos de harmonia e ritmo. Novamente, se pode afirmar que esses elementos, no futuro, seriam absorvidos pelo Jazz.

Duas outras formas de música negra são apontadas pelos historiadores como fortes influências na formação do Jazz: o *Ragtime* e o *Spiritual*.

O *Ragtime* originou-se de uma dança conhecida como *Cake-Walk* ou *Regging*, que imitava danças europeias, acompanhada pelo banjo e nascida no oeste norte-americano. Mais tarde, teve a incorporação do piano e transformou-se numa música mais agradável, bem elaborada e aceita.

O *Spiritual* surgiu no século XIX e tinha como finalidade, glorificar as motivações religiosas e folclóricas. Era passado através da tradição oral.

“O Blues, o Ragtime, a música Gospel e o Spiritual criaram uma estrutura musical definida, e com sólida conformação artística e popular, tornando-a plenamente viável: o Jazz. O jazz contém sete elementos que conduziram ao seu próprio desenvolvimento, bem como ao do Blues. São eles: 1) pergunta e resposta (o leader canta a frase e soa como um eco pelo resto do grupo) 2) Repetição do refrão (semelhante ao refrão ou chorus dos hinos das igrejas) 3) Chorus format (improvisar sobre uma forma completa) 4) Tradição harmônica de algumas tribos (inclui progressões da tônica sobre-dominante e dominante (I-IV-V) que são compatíveis com as progressões harmônicas da tradição européia) 5) Spirituals e Holler Campos (conteúdo e comunicação emocional) 6) Ring Shout (recriação de uma dança) 7) Riff (uma pequena frase melódica que é repetida com diferentes acordes numa progressão harmônica)” AGUIAR, Maria Cristina *As raízes do jazz e a original Dixieland Jazz Band*, disponível no site <http://www.ipv.pt/millennium/millennium29/19.pdf>, acesso em 31/07/09.

### III. INÍCIO DA CULTURA DO JAZZ/BLUES NOS ESTADOS UNIDOS

Nos anos 30 e 40, os músicos Duke Ellington e Henderson foram os pioneiros a influenciar a música americana. Posteriormente, Glenn Miller e Paul Whiteman incorporaram alguns ritmos melódicos marcantes de Jazz em suas orquestras.

No final dos anos 40, surgiram às orquestras modernas de Dizzie Gillespie e Stan Kenton e o pianista Lennie Tristano iniciou uma carreira que seria brilhante. Gillespie foi o primeiro a executar o *latin jazz*, usando a música afro-cubana, de onde resultou a salsa.

Em 1955, Miles Davis criou seu quinteto com a figura notável do saxofonista John Coltrane.

Com a chegada do rock, *do soul, rhythm and blues e funk* nos anos 60, o Jazz começa a atravessar uma crise. Músicos tradicionais de Jazz tentam se adaptar particularmente ao rock, mas foi James Brown com suas progressões harmônicas que criou grande parte das inovações. Essa fusão do Jazz foi registrada por Miles Davis em seu álbum “*Bitches Brew*”, de 1968, através de um som alucinado e selvagem, amplificado eletronicamente. Miles Davis, aliás, renegou o termo Jazz, dizendo que fazia “A” música.

O Jazz passa a ter um público internacional, embora suas origens sejam os negros da Louisiana, e suas estrelas, Kenny Clarke e Charles Lloyd. Músicos belgas, franceses, noruegueses, ingleses, sul-africanos e até bosnianos acrescentam elementos da sua cultura e ajudam a manter viva a chama do Jazz. Entre os grandes expoentes do Jazz, que marcaram este ritmo na história da cultura e da música afro-americana, pesquisados para este artigo em <http://www.K:\Cultura - Aqui Jazz Nova Orléans 2.mht>, são:

Antoine Fats Domino. Nasceu em 1928.

Aprendeu a tocar piano na infância com o cunhado, 20 anos mais velho. Fats também é cantor e sua primeira língua foi o francês. Apareceu em público pela primeira vez aos 10 anos e deixou a escola aos 14, para poder trabalhar numa fábrica e poder cantar na noite. Ainda adolescente, juntou-se a Dave Bartholomew Band e continuou a brilhar.

Nos anos 50, o pianista saiu de New Orleans para ganhar mundo. Tornou-se um dos primeiríssimos ídolos do rock-and-roll e um dos seus maiores astros.

Vendeu 65 milhões de discos, só perdendo em popularidade para Elvis Presley. Seu estilo foi influenciado por Albert Ammons e Fats Wallers.

Fats Domino desapareceu e, felizmente, depois foi encontrado vivo durante o furacão que destruiu a cidade em agosto de 2005.

A outra expressão clássica do Jazz é Louis Daniel Armstrong, nascido no dia 4 de julho de 1900 (ou, segundo os biógrafos em 01/10/1901), em New Orleans.

Neto de escravos e filho de trabalhadores braçais, desde criança cantava e dançava nas ruas. Aos 13 anos começou a aprender música numa escola correcional para menores. Foi levado para lá por estar dando tiros para o ar para comemorar o Ano Novo.

Há males que vem para o bem. Ali, Satchmo aprendeu a tocar vários instrumentos até se fixar no cornetim. Aos 18 anos, após tocar em diversas bandas, substituiu seu grande ídolo King Oliver, na banda de Ory Brownskin (primeira banda de Jazz negra a gravar um disco).

Improvisando e tocando seus blues transformou o Jazz. Até então, eram os conjuntos que faziam sucesso. Foi o primeiro verdadeiro improvisador e modificou o estilo de tocar, colocando o solista em primeiro plano.

*Satchmo*, apelido de Louis Armstrong desde criança – é uma contração de *satchel* (bolsa) com *mouth* (boca).

Em 1924 foi para Nova York onde acompanhou todos os grandes ídolos que ali se destacaram. Começou a cantar e sua voz marcante continua entre nós com *What a Wonderful World*.

Trabalhou nos filmes *Hello, Dolly!* e *Alta Sociedade*. Casou quatro vezes, mas não teve filhos. Morreu no dia 6 de julho de 1971, em Nova York.

De origem afro, como nosso samba, o Jazz sempre se notabilizou – principalmente – pelo uso de instrumentos clássicos como o sax, trompete, piano, bateria, trombone e baixo. Embora haja destaque de consagrados cantores como Bessie Smith, Billie Holliday, Ella e Sarah, Al Jonhson, entre outros, o estilo é amplamente apreciado pelos que admiram a música instrumental.

Enquanto no Brasil, os negros podiam cantar e dançar nas senzalas, o mesmo não ocorria nos Estados Unidos. O *blues* se restringia ao trabalho nas plantações e como meio de comunicação entre eles. Ao fim da Guerra da Secessão, quando os exércitos derrotados do Sul bateram em retirada, deixaram pelo caminho seus instrumentos musicais, todos de sopro (principalmente as cornetas) que foram utilizados pelos negros de New Orleans para formarem suas primeiras bandas. New Orleans era colonizada pelos franceses e diferentemente do resto do país, pretos, brancos, prostitutas, intelectuais, cafetinas, músicos, dançarinos e homens de negócios se misturavam e conviviam estreitamente. Nada mais lógico que uma música negra e sensual se difundisse em seus cabarés ou que, naturalmente, tomasse conta de suas ruas.

Os gangsters levaram o jazz de New Orleans para Chicago e fizeram dele sua música em suas casas e clubes. Exportaram, também, de Nova York – a peso de ouro – os grandes músicos. Louis Armstrong, por exemplo, foi naquela época o músico mais bem pago dos Estados Unidos. De Chicago para Nova York e daí para a Europa, principalmente, para os bares e bairros boêmios de Paris, onde se reuniam os maiores artistas, escritores, escultores, músicos do mundo inteiro e as maiores fortunas da América e da Europa.

*“Consagrado mundialmente, o Jazz é o grande e mais completo movimento musical do século XX e seus músicos, compositores, cantores e arranjadores, os mais respeitados e mais procurados: Cole Porter, Duke Ellington, Gerswing, Miles Davis, Charles Parker, Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan, Louis Armstrong, Count Basie, Oscar Peterson... São nomes que consagraram o universo musical do século XX.” MUROS, Augusto de, disponível em <http://www.friweb.com.br/exitofriweb/noticia255-o+que+%C3%89+jazz+.htm>, acesso em 12/08/09.*

#### IV. O PAPEL DE NEW ORLEANS

No estado da Louisiana encontramos New Orleans, a maior cidade e grande porto de ligação entre o Rio Mississippi e o Golfo do México. Nesta cidade viviam brancos, afro-americanos, nativos americanos, asiáticos, islandeses da região do pacífico, entre outros povos. As ruas de New Orleans eram recheadas de sons de *blues*, *spirituals*, *shouts*, ritmos africanos, ópera, marchas, canções napolitanas e ritmos caribenhos. No bairro boêmio de Storyville, onde a prostituição esteve legalizada de 1897 a 1917, nos pequenos bares chamados de *honk tonks*, onde todos esses elementos se cruzavam e o Jazz era ouvido abertamente, bem como no Congo Square, praça onde os escravos se dirigiam para dançar, este estilo ficou conhecido como *Traditional Jazz* ou New Orleans Jazz.

New Orleans teve um papel importante no nascimento e expansão do Jazz, sendo o palco para a melhor produção jazzística (em qualidade e quantidade) entre 1895 e 1917. Porém, não se pode esquecer a participação de outras cidades do Sul: Saint Louis, Memphis, Atlanta, Baltimore, entre outras. O que era indiscutivelmente único em New Orleans, naquela época, era a atmosfera social, muito aberta e livre. Pessoas de diferentes grupos étnicos podiam conviver e comunicar com grande facilidade, o que veio a desembocar no nascimento de uma nova e rica cultura musical, contendo elementos franceses, alemães, espanhóis e africanos. O Jazz era ouvido inicialmente nos eventos sociais: bailes, piqueniques, inaugurações, aniversários, casamentos e em funerais em que, a banda saía da igreja tocando marchas fúnebres até o cemitério e na volta eram executadas versões de músicas em estilo *Ragtime*. Os músicos destas bandas de Jazz eram, na sua maioria, artesãos como: carpinteiros, pedreiros, alfaiates, que faziam música nos feriados e fins de semana para aumentar o orçamento familiar. Se em algumas cidades, os escravos eram maltratados, em New Orleans eram tratados com um pouco mais de brandura ou com menos rigor. Eles podiam, inclusive, exercitar as suas práticas artísticas de uma forma mais livre.

New Orleans havia se tornado uma mistura de raças. Os franco-criolos aproveitavam muitas oportunidades dos brancos, e grupos de negros participavam em músicas clássicas e em óperas da cidade. Entretanto, a lei de segregação, que entrou em vigor no ano de 1894, classificou a

população Afro-Criola como "negra", colocando as duas comunidades em um só patamar. Desde 1857, existia prostituição legalizada na área conhecida como "The Tenderloin", e em 1897 essa zona de meretrício ficou conhecida como "Storyville", lendário provedor de emprego para os talentos do Jazz que surgia.

## V. COMO SE APROPRIOU NO BRASIL

O Jazz e a música brasileira têm muito em comum, apesar da distância: a influência da música africana, trazida pelos diversos povos escravizados.

Até que ponto nossa música foi influenciada pelo Jazz? E os nossos músicos? Não teriam, também, influenciado os artistas americanos?

Através dos tempos, pode-se comprovar as preferências dos brasileiros em relação aos músicos americanos, nossos artistas que fazem ou fizeram sucesso no exterior e outros detalhes associados ao progresso das duas linguagens que acabaram se fundindo e resultando no estilo denominado samba-jazz ou jazz brasileiro.

*“As relações entre o jazz e a música brasileira são muito mais íntimas do que possam aparentar. É uma intimidade que surpreende após a sua constatação. Suas origens são exatamente as mesmas, provenientes da cultura negra trazida pelos escravos africanos originários das mesmas regiões da costa ocidental do continente africano. Entregues à própria sorte, os escravos trabalhavam exaustivamente de sol a sol sem qualquer descanso e, freqüentemente, sob a chibata implacável dos feitores. O único lenitivo que lhes amenizava o sofrimento era o canto que entoavam durante o trabalho, os lamentos à noite, os cânticos religiosos e a música de ninar das mães escravas. O destino separou os irmãos africanos pelos hemisférios das duas Américas, porém suas raízes foram as mesmas.”* RAFAELLI José Domingos A História do Samba Jazz, disponível em <http://ensaios.musicodobrasil.com.br/josedomingosraffaelli-ahistoriadosambajazz.ht>, acesso em 18/08/09.

A música brasileira através de sua evolução, de suas importantes canções, compositores e artistas, revela-se como uma das músicas mais ricas do mundo. São diversos os estilos que fundamentam essa imagem e qualificam a música do nosso país como uma das mais belas, desde seu início com a junção da música européia, negra e indígena. A musicalidade brasileira é retratada em melodias bem trabalhadas, harmonias ricas e ritmos dificilmente assimilados por estrangeiros, mas mesmo com tantos atributos, ironicamente a música do Brasil se apoiou na cultura estrangeira para se ampliar.

*“O jazz sempre foi muito influente em diversos segmentos musicais, e foi com o predomínio do modelo norte-americano após o final da segunda guerra mundial, que as camadas urbanas do Rio de Janeiro viveram uma atualização aos padrões “modernos” devido às importações de materiais*

*peçoais vindos dos EUA e naturalmente a música norte-americana atrelou-se a tudo isso” ROCKENBACH Fabio Bossa Nova e a História do Jazz, disponível em <http://blitz.diariodamanha.com/?p=669> – Bossa Nova e influência do Jazz, acesso em 18/08/09.*

A partir do início do século XX, a influência do Jazz tornou-se cada vez mais nítida. Nossos instrumentistas - com exceção dos intérpretes de choro, da música tradicional e dos ritmos nordestinos – foram influenciados pelos músicos de Jazz.

A semente dessa fusão foi plantada em abril de 1953 pelo violonista Laurindo Almeida e o saxofonista Bud Shank com a gravação do disco "Brazilliance", em Los Angeles. Nesse disco experimental, o violonista brasileiro e o saxofonista de jazz introduziram uma inovação inusitada: as improvisações de Shank tocando repertório brasileiro em linguagem jazzística. Shank estabeleceu os alicerces do que na década seguinte chamariam de jazz-samba, mas no Brasil ficou conhecido por samba-jazz. O impacto daquele disco em nosso meio musical foi descomunal e abriu caminhos para um estilo completamente novo. Coincidentemente, na mesma época, um conhecido saxofonista brasileiro declarou que era impossível improvisar sobre música brasileira. Entretanto, algum tempo depois, adotou a improvisação jazzística na temática brasileira dos seus discos.

"Brazilliance" foi editado no Brasil pela Musidisc e ganhou a simpatia imediata de uma nova geração de músicos que seriam ícones da bossa nova e, posteriormente, do samba-jazz.

Uma centena de discos de bossa nova e samba-jazz foram editados nos Estados Unidos, Europa e Japão. Essa valorização no exterior causou uma mudança repentina de opinião no meio musical brasileiro, com a volta do samba-jazz ao repertório dos músicos mais jovens.

*“Antes de Carlos Lyra assumir uma posição nacionalista ao escrever Influência do Jazz, a qual possui os versos: Pobre samba meu / Foi-se misturando, se modernizando / E se perdeu, recriminando as influências musicais vindas de fora do país sobre a música brasileira, a bossa nova foi construída através de elementos da música norte-americana.” ROCKENBACH Fabio Bossa Nova e a História do Jazz, disponível em <http://blitz.diariodamanha.com/?p=669>, acesso em 19/08/09.*

Essa influência gerou um novo movimento que se fortaleceu no final da década de 1950 e início da década de 1960, como bossa nova. Esse samba composto por elementos de diferentes línguas ou “samba diferente” como alguns artistas costumavam chama-la, era tocada – no princípio - por rapazes de elevada classe social. Era no apartamento de Nara Leão em Copacabana no Rio de Janeiro, que aconteciam as tais “reuniões da bossa nova”, onde os músicos Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli e outros, se encontravam compor e trocar idéias, escutar discos de seus jazzistas preferidos, entre eles Frank Sinatra e Cole Porter.

Com as inovações de Antônio Carlos Jobim e João Gilberto, aliadas à poesia de Vinícius de Moraes surgiu uma nova estética musical. Essas novidades eram criticadas e ironizadas por alguns músicos que descreviam esse novo ritmo como “ritmo de goteira ou ritmo gago”, por

causa da batida em síncope do violão de João Gilberto que fazia a ligação da última nota de um compasso com a primeira do seguinte para fazer das duas uma só nota. Uma outra característica marcante da influência jazzística sobre a bossa nova é a maneira de “cantar falando”. Esse modo informal era muito diferente do estilo brasileiro executado anteriormente. Se antes, a parte vocal era influenciada pelo canto lírico, agora na bossa nova, o canto era “leve” ou como diziam alguns, “mais falante”.

Certamente a bossa nova sofreu outras influências, inclusive na sua origem, como o impressionismo de Ravel e Debussy e da própria música popular brasileira urbana das décadas anteriores. Todavia, não se pode negar que o *Coll Jazz* e o *Bebop* foram grande fonte inspiradora, moldando a música brasileira que se transformou a partir daí.

O novo gênero ficou consagrado em agosto de 1958, quando chegou às lojas o compacto de João Gilberto com a música “Chega de Saudade” de Tom Jobim e Vinicius de Moraes.

Não se pode esquecer a importância dos dois Festivais de Jazz de São Paulo, em 1978 e 1980 e do Rio Jazz Monterey Festival, no Rio de Janeiro, em 1980. Eles foram determinantes para despertar o interesse de milhares de pessoas, que passaram a dar maior atenção à nossa música instrumental. Esses três eventos, acontecidos nas duas maiores cidades do país, influenciaram as novas gerações de músicos a partir dos anos 80/90 e despertaram novos talentos para o samba-jazz.

## VI. INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para analisar a situação do Jazz no cenário de São Paulo e Rio de Janeiro, foram feitas entrevistas com:

Sergio Dellamonica, nascido na cidade do Rio de Janeiro, antes mesmo de se descobrir como músico, trabalhou em diversas empresas. Porém, o desejo de aprender a tocar um instrumento e trilhar um novo caminho falou mais alto. Com dedicação e força de vontade alcançou o sucesso profissional e participou de algumas bandas, tocando com famosos nomes da Música Popular Brasileira.

Segundo Dellamonica, o Jazz teve forte influência na nossa música. Por ocasião do surgimento da Bossa Nova, os artistas brasileiros ainda possuíam uma técnica muito rudimentar, mais voltada para os instrumentos de corda como o violão e cavaquinho. Para ele, não há dúvida de que a Bossa Nova absorveu muito conteúdo do Jazz, pois com a incorporação dos instrumentos de sopro e o piano em suas composições, os músicos da época, acabaram se aperfeiçoando e suas produções tornaram-se mais ricas e refinadas do ponto de vista melódico.

Já, Luiz Carlos Lassance Antunes, apelidado de LLula (com dois LL's), nasceu na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro e cresceu em uma família de pianistas.

O desejo de seu pai era vê-lo formado em medicina ou direito. Entretanto, aos 20 anos, manifestou vocação para a carreira de locutor e apresentador de programas radiofônicos. Foi um grande inovador na grade de programação musical da Rádio Difusora Fluminense, onde

apresentou por alguns anos o programa “O assunto é Jazz”, sucesso absoluto de audiência da época.

Para LLula, a introdução do Jazz no Brasil foi lenta e difícil. O povo brasileiro, acostumado ao samba e ao som das gafieiras, foi relutante para aceitar o novo estilo que era consumido apenas por uma elite que viajava para o exterior, assistia a shows de Jazz e também podia comprar os discos de seus artistas preferidos. Entretanto, a insistência das rádios na divulgação do novo estilo acabou conquistando grandes nomes que difundiram e consolidaram o Jazz no país.

O terceiro entrevistado, Edgar Radesca, é um empresário paulistano de sucesso. Proprietário do bar Bourbon Street, trabalhou como executivo para uma multinacional até receber o convite de seu cunhado para investirem em uma casa noturna que tivesse a magia dos bares de New Orleans, inclusive a arquitetura.

O Bourbon Street é hoje, sinônimo de sucesso no Brasil e no exterior, apresentando turnês de bandas famosas do mundo inteiro.

De acordo com Radesca, o Jazz se afirmou quando os músicos brasileiros que se apresentavam em algumas casas noturnas do bairro de Copacabana começaram a tomar gosto pelo novo estilo, que oferecia possibilidades de adaptações e improvisações. Dessa maneira, suas músicas tornaram-se mais alegres e vivas. Puderam, também, fazer uma releitura da Bossa Nova à luz dos fundamentos do Jazz.

## **VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste estudo, pode-se deduzir que tanto a cultura americana como a brasileira acabaram se fundido no campo musical. Muitos de nossos artistas, tais como Sergio Mendes, Airto Moreira, Flora Purim e Dory Caymmi, entre outros, tiveram suas carreiras desenvolvidas nos Estados Unidos e de lá trouxeram as inovações e a receita do improviso.

Em contrapartida, constata-se que muitas aulas em escolas tradicionais americanas usam a música brasileira em seu currículo. A exportação da música brasileira nas escolas norte-americanas dá-se com o movimento de alunos brasileiros desde meados dos anos 80.

Além desses aspectos, outras influências da música brasileira no Jazz puderam ser percebidas. O violão de nylon de João Gilberto – por exemplo - passou a ser mais utilizado no Jazz, bem como o tamborim foi incluído nas composições jazzísticas.

Dessa maneira, pode-se concluir que ambas as culturas acabaram por permear-se, complementando uma à outra, em alguns aspectos. A música brasileira tornou-se mais refinada por conta da influência do Jazz e este, por sua vez, um pouco mais flexível ao incorporar nossos elementos.

Convém ressaltar que, cinquenta anos depois do seu surgimento, o Jazz continua sendo a música da liberdade e ninguém pode controlá-lo.

O Jazz viveu seu grande momento criativo na década de 50 e passou por fases de altos e baixos. A situação atual é bem diferente, porque agora ele vive uma fase de transição por conta das mudanças tecnológicas. Quase não é mais tocado nos grandes clubes e casas noturnas, mas tem vida nos grandes festivais e em bares especializados no estilo.

Entretanto, não há razão para pessimismo quanto ao futuro do Jazz, já que atualmente pode-se encontrar bons músicos em qualquer parte do mundo e os estudiosos continuam afirmando que ela continua a ser a música que melhor exprime o espírito do ser humano.

Nos últimos tempos, o país recebeu diversos nomes clássicos do jazz como o pianista Herbie Hancock, o trompetista Wynton Marsalis e também intérpretes da nova geração como a canadense Diana Krall - a mais bem-sucedida cantora de jazz da atualidade - e o ítalo-americano John Pizzarelli. Os ingressos caros não impediram que as casas de shows que convidaram as estrelas ficassem lotadas.

O ano de 2008 foi mais uma prova de que público é o que não falta para esse gênero musical. O Brasil exibiu a sexta edição do Bourbou Street Fest, um dos melhores exemplos para mostrar o crescimento do público brasileiro que aprecia o Jazz. O movimento, que começou tímido em 2003 com pequenas apresentações em palcos montados nas ruas, tomou grandes contornos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, o país sediou o festival internacional “Tudo é Jazz”, em Ouro Preto, onde foram reunidos cerca de 200 músicos de diversas nacionalidades em 27 apresentações.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

**GIUMBELLI**, Emerson. Leitura sobre música popular – reflexões sobre sonoridade e cultura. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2008.

**MEDINA**, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2002.

**MUGGIATI**, Roberto. Blues – da lama a fama. São Paulo: Editora 34 Ltda.

**RIBEIRO**, Helton. Blues. São Paulo: Abril, 2006.

**SCHULLER**, Gunther. O velho jazz – suas raízes e seu desenvolvimento cultural. São Paulo: Cultrix, 1968.

### SITES:

<http://www.ipv.pt/millenum/millenum29/19.pdf> - As raízes do jazz e a original Dixieland Jazz Band

<http://ensaios.musicodobrasil.com.br/josedomingosraffaelli-ahistoriadosambajazz.htm>

<http://blitz.diariodamanha.com/?p=669> – Bossa Nova e influência do Jazz

<http://www.friweb.com.br/exitofriweb/noticia255-o+que+%C3%89+jazz+.html>

<http://www.K:\Cultura - Aqui Jazz Nova Orleães 2.mht>

## IX. ANEXOS E APÊNDICES

(Entrevista concedida ao autor)

Título: Qual a influência do Jazz na cultura brasileira

Autor: Humberto Paim

Data: 23/05/2009

O músico Sérgio Dellamônica tem 62 anos e nasceu no Rio de Janeiro. Possui em seu currículo, participações em diversos trabalhos com artistas de renome internacional, tais como: João Gilberto, Baden Powell, Gilberto Gil, Tim Maia, Dolores Duran, Roberto Carlos e outros. “Foi uma trajetória de sucesso e aprendizagem”, confessa o músico que agregou novos conhecimentos e ritmos à sua bagagem.

Participou de várias turnês no Brasil e no exterior acompanhando Gilberto Gil e Roberto Carlos. Porém procura deixar evidente a sua admiração por João Gilberto, que na sua opinião foi o grande responsável pela divulgação do nosso maior produto na época: a Bossa Nova. Para Sérgio, esse estilo passou a ser chamado de Jazz brasileiro, pela semelhança melódica e instrumental. Reconhece que Tom Jobim e Vinícius de Moraes foram – sem dúvida – os responsáveis pela certificação do nosso produto musical nos Estados Unidos e Europa, despertando o interesse de diversos músicos americanos que para cá vieram, a fim de conhecer um pouco da nossa cultura musical.

Recorda-se que quando tocava nas boates cariocas em Copacabana, as pessoas curtiam a Bossa Nova, pois na opinião de muitos, era o tipo de música que permitia aos casais expressarem seus sentimentos e trocarem carícias enquanto dançavam.

Quando questionado sobre a influência do Jazz na nossa cultura musical ele é rápido e seguro em afirmar que tudo teve início no Rio de Janeiro, em meados de 1939 a 1946. É época em que o Presidente Olívio Dutra decretou o fechamento de algumas boates, sob o pretexto de que mulheres promíscuas freqüentadoras desse tipo de ambiente não poderiam dividir o mesmo espaço com as mulheres pertencentes às classes dominantes e submissas aos padrões daquele tempo, pois os empresários e cidadãos de posse levavam suas esposas – eventualmente – para que não ficassem com a impressão de que as boates que freqüentavam eram, na verdade, um reduto de mulheres de programa e que estavam ali para oferecer momentos de prazer por uma boa quantia de cruzeiros, moeda da época.

O músico considera-se um eterno saudosista e para ele, as músicas atuais não possuem conteúdo e são cantadas sem que o intérprete demonstre sentimento e paixão. Lamenta bastante o fato de grandes profissionais estarem na sarjeta e esquecidos. O que serviu de combustível para mantê-lo vivo e cheio de disposição para continuar tocando e divulgando o Jazz nas noites paulistanas foi quando pisou em New Orleans e pode sentir toda a magia que existia na cidade berço do Jazz, estilo venerado pelos habitantes locais e de outras regiões que migraram para lá, pois entenderam que aquele estilo popular que todos curtiam na rua, com o toque mágico das bandas de metais – gratuitamente – era diferente e eletrizante. As pessoas dançavam alegremente e muitas amanheciam nas ruas e praças, extasiadas e felizes. “O interessante é que não víamos cenas de brigas ou qualquer tipo de manifestação odiosa. O preconceito existia, porém havia tolerância e respeito”, conta o músico com os olhos brilhantes.

(Entrevista concedida ao autor)

Título: Qual a influência do Jazz na cultura Brasileira

Autor: Humberto Paim

Data : 27/06/2009

Luiz Carlos Lassance Antunes, apelidado de LLula (com dois LL's), nasceu no dia 03 de Abril de 1932 em Niterói, estado do Rio de Janeiro. LLula cresceu em uma família de músicos pianistas e por essa razão, tomou gosto pela música.

O desejo de seu pai era vê-lo formado em medicina ou direito. Entretanto, com o passar dos anos, a vocação para a carreira de locutor e apresentador de programas radiofônicos, falou mais alto. Seu sonho tornou-se realidade quando tinha vinte anos.

Após participar de um processo seletivo na Rádio Difusora Fluminense, foi escolhido para apresentar um programa musical. Ainda não estava satisfeito com a programação que lhe fora destinada. Resolveu inovar e solicitou à direção da rádio que analisasse a possibilidade do programa ser voltado para o jazz, já que o estilo começava a fazer grande sucesso.

O programa foi ao ar batizado de “O assunto é jazz” e foi um sucesso absoluto de audiência, bem como de patrocinadores da época. Tudo que se relacionava ao Jazz tinha o dedo do LLula, como era carinhosamente chamado pelos amigos e ouvintes. Na semana em que o programa foi ao ar a direção da emissora não acreditava, que o programa pudesse fazer sucesso, pois o Jazz era muito pouco difundido, onde as rádios optavam pelas músicas nacionais. A sua grande sacada foi adquirir discos produzidos por músicos de Jazz, na sua maioria de New Orleans, para serem tocadas durante toda a programação. Segundo ele, o resultado foi surpreendente, pois os ouvintes ligavam para a rádio, solicitavam a música e a ofereciam para alguém especial. As canções interpretadas por Nat Kin Cole, eram as mais pedidas e tocadas durante a programação. LLula realizou diversos projetos sociais, pois

acreditava que a boa música poderia recuperar, curar e dar emprego para muitos músicos talentosos, que viviam no anonimato.

Segundo LLula, o Jazz influenciou de forma muito positiva a nossa música, possibilitando inclusive a descoberta de músicos talentosos, que já tocavam músicas brasileiras com improvisos, como acontece no Jazz. Posteriormente nomes que se tornaram famosos, como João Gilberto e Antonio Carlos Jobim, difundiram a nossa Bossa Nova nos Estados Unidos e Países da Europa, que teve uma aceitação significativa.

(Entrevista concedida ao autor)

Título: Qual a influencia do Jazz na cultura Brasileira

Autor: Humberto Paim

Data : 08/08/2009

Edgard Radesca sócio-proprietário do Bar Bourbon Street, trabalhou como Engenheiro prestando serviços para uma Multinacional e posteriormente atuou como consultor empresarial. Segundo ele a idéia de criar uma casa noturna, foi do seu cunhado Luiz Fernando Mascaro que trabalhava como veterinário e que também era músico. Em uma de suas viagens para os EUA, visitou New Orleans encantando-se com a energia daquela cidade. Ao regressar ao Brasil, estava determinado a abrir um Jazz&blues Club em São Paulo, que trouxesse a magia e energia daquela cidade tão musical.

Quando o Luiz Fernando começou a falar das suas idéias de abrir um Jazz Club, radesca opinou e discutiu com ele com poderia ser este futuro Club. Uma noite após conversarem durante horas sobre a idéia, às 05:00 horas da manhã, firmaram sociedade começando a materializar o futuro Bourbon Street. A casa só pode ser inaugurada em 13 de dezembro de 1993, pois entre os anos de 1989 a 1992 os planos do Governo Collor e outras dificuldades de recursos, foram os fatores que não permitiram a sua inauguração. Na noite de inauguração estava presente o rei do Blues. Mr.B.B.King, que realizou (04) quatro shows espetaculares entre os dias 13 e 16/12. Desde então a casa teve a honra de tê-lo como amigo e padrinho.

Na opinião de Edgard Radesca, o Jazz influenciou a Bossa Nova, até hoje chamada de Brazilian Jazz em muitos países. Depois disso a influência continuou em todo o grande movimento da música instrumental brasileira que esteve tão presente na década de 80 e segue até hoje influenciando a nossa música até como resultado do cenário proporcionado pela comunicação mundial digital, que via misturando as cores, sons, culturas e influencias de todo o mundo. O Jazz se notabilizou no Brasil entre as décadas de 50 e 60, pois havia muita ansiedade de mudanças no ar. A Bossa Nova representou um novo caminho musical, que canalizou esta ansiedade de mudança que era mais ampla no aspecto social e de costumes. Mudanças aconteciam com o Rock nos EUA e depois, em termos mundiais, com Beattles, Woodstock e

mais a frente no Brasil com o movimento Tropicalista. O Surgimento do Jazz também esteve ligado a importantes mudanças sociais nos EUA. Com o início da libertação dos escravos, gradativamente os Worksongs saíram das plantações vieram os spirituals, o blues e o encontro do ritmo e da percussão - tão africanas – com a sonoridade harmônica européia. A isso se acrescentou o piano do ragtime mais as bandas de base militar... e o Jazz nasceu. E por ser uma arte das ruas, nasceu espontâneo, com energia informal sendo aí o gênese do improvisado, que é a palavra síntese do Jazz.

Radesca não considera a bossa nova como o Jazz Brasileiro, prefere usar o termo modernista da “antropofagia” cultural para caracterizar o processo: A Bossa Nova recebeu o jazz e o deglutiou e o reciclou em outro universo cultural. É uma criação original. O Jazz é caracterizado pela abertura, criatividade e improvisado; influencia e influenciará cada vez mais outras vertentes musicais, como consequência da acelerada possibilidade de comunicação propiciada pela internet e pela nossa sociedade digital.

Falando sobre a sua paixão por New Orleans, Radesca se emociona ao comentar os estragos causados pelo Katrina e a inércia do governo Americano no envio de ajuda para os bairros pobres, que foram os mais atingidos. Segundo ele, a cidade foi evacuada, ficou sem energia e água por algumas semanas e com isso o turismo-grande motor da economia da cidade – “zerou”. Esta situação também provocou um êxodo de moradores que jamais voltaram. O outro lado desta história é que New Orleans se recuperou rapidamente, tornando-se uma terra de oportunidades para aqueles que acreditaram que ela poderia se recuperar. Negócios hoje prósperos foram vendidos na época do Katrina por ninharias.

Mas apesar desta vergonhosa cicatriz que não se vê, New Orleans voltou a viver: os músicos voltaram, muitos deles antigos moradores destes bairros negros da periferia New Orleans, que foram destruídos pelas águas. E com os músicos voltaram à música e a alegria de viver que é a alma de New Orleans – eterno berço do Jazz e da música negra americana.

## X. DIÁRIO DE CAMPO

<b>Dia</b>	<b>Evento</b>	<b>Pequena Reflexão</b>
23/05	Estive no Bar Bourbon Street para entrevistar o músico de jazz, Sergio Dellamonica, 62 anos, nascido na cidade do Rio de Janeiro.	O jazz, para ele, tem um significado muito especial, pois possibilitou a sua ascensão profissional, bem como a oportunidade de tocar e conhecer músicos internacionais.
27/06	Viajei à Niterói para entrevistar o músico e apresentador de programa de rádio, Luiz Carlos Lassance Antunes (LLula).	Constatei que seu entusiasmo e carisma fizeram com que se tornasse uma espécie de embaixador do jazz no Brasil. Fundou o primeiro clube de jazz no país, na cidade Niterói, Rio de Janeiro
08/08	Visitei o escritório do Sr. Edgar Radesca, sócio-diretor do Bar Bourbon Street para uma conversa sobre a influência do jazz na música brasileira.	Descobri que antes de inaugurar o Bourbon Street em 13 de dezembro de 1993, em sociedade com o músico e veterinário Fernando Mascaro, Radesca trabalhou como executivo em uma multinacional.

